A DROGA DO DIA AMANHECER

Fizeram da minha vida um inferno e eu vou fazer da deles um inferno pior

Romance policial

Tom Azevedo

Para

Sandra

Capítulo 1

As condições de vida acham-se fora de controle, no lugar onde eu moro. Os vagabundos disputam espaço com os urubus, na rede elétrica – nos fios que conduzem a eletricidade, passam pelo alto dos postes.

Eles já não encontram mais vagas nas esquinas, com superlotação de marginais e desocupados, está igual às cadeias. A bandidagem amontoa-se nas esquinas para consumir drogas e planejar o mal, ou fazem o mal lá mesmo nas esquinas, sem planejamento, assaltam transeuntes desavisados, principalmente crianças e mulheres e idosos, estupram suas vítimas ou espancam as pessoas, por diversão.

Um desses dias, eu passei, olhei para cima, vi o que ocorria, observei os fatos, dediquei um pouco de minha atenção aos

acontecimentos. Reparei em um espaço entre poste e poste – havia mais deles, os maus elementos, ao longo de toda a fiação, todavia atentei para esse intervalo em particular, entre dois postes, a minha frente. Se fosse contar, contaria mais de vinte deles.

Fatos estranhos se verificam no meio dessa escória. Há menores – menores delinquentes ou infratores, criminosos, bandidos, que anteriormente foram crianças, quando tinham um ano de idade, sendo que alguns já nascem bandidos. Essas crianças que sobem nos fios e vão ficar à toa em companhia de marginais já consagrados estão sendo desencaminhadas por esses, seguem os maus exemplos de seus antecessores e se transformam de crianças, quando nascem crianças e não bandidos, em criminosos.

Fazem o mesmo que os urubus – os urubus abrem as asas, empoleirados no alto dos fios, para tomar sol e de vez em quando um morre eletrocutado, por ter aberto muito as asas, de fio a fio. Ainda não ouvi falar de maus elementos que tenham morrido

eletrocutados por fazerem como os urubus, mas muitos devem ter morrido, como o número de urubus que pereceram desta forma é incontável.

Me lembrou um filme de Hitchcock, “Os pássaros”, um advogado assusta-se com a quantidade de corvos encarapitados na fiação da rede elétrica, próximo a sua casa.

Havia grupos numerosos deles junto a cada um dos postes, no alto dos fios, à esquerda e à direita. E uma quantidade menor no meio, a uma altura mais ou menos equidistante de ambos os postes. Um indivíduo muito magro, virado em minha direção, pediu a um outro, a minha esquerda:

- Segura os fios de alta tensão.

O elemento à esquerda também era magrelo, voltado em direção ao poste da direita, no sentido longitudinal dos fios. Ele arrebanhou um punhado de fios e suspendeu. Tanto um quanto o outro se equilibravam nos fios mais baixos, de pé sobre eles e se seguravam aos fios mais altos. Parece que alguns fios eram encapados, ou todos já

teriam morrido eletrocutados ou provocado acidentes de grandes proporções, com curtos-circuitos de alta voltagem.

Por aí se vê a dificuldade da vida aqui em baixo, inclusive para os marginais, onde não há mais espaço nem mesmo para a bandidagem, a concorrência é excessiva. A vida já era difícil para as pessoas de bem e agora está se tornando difícil também para a bandidagem. Não que a polícia tenha começado a agir, não que se tenha começado a fazer justiça no planeta, muito pelo contrário, a própria bandidagem tornou as coisas difíceis tanto para as pessoas de bem quanto para eles mesmos, criminosos de todos os tipos. A vida se tornou impossível, no planeta Terra.

Havia alguns menores, na altura onde se postavam os dois magrelos. Um desses menores, de costas para mim, acabava de pedir ao primeiro magrelo:

- Me dá um beijo.

Para se ver como estão as coisas, os bandidos grandes são ídolos dos pequenos, os

menores. Ou um abraço, não ouvi direito o que ele pediu. O fato é que enquanto o segundo magrelo suspendia os assim chamados fios de alta tensão, segurou um feixe deles e suspendeu, o primeiro magrelo, segurando-se a um outro fio e equilibrado sobre um outro em nível mais baixo, inclinou-se para diante, passando por baixo dos fios suspensos pelo colega, para poder alcançar o menor que lhe pediu um beijo ou um abraço.

Isto se fez. O magrelo abraçou o menor e o menor ganhou do marginal grande um beijo no rosto.

Depois disso os menores, ou alguns deles, se retiraram. Eles desciam por um fio pendurado na vertical, vinham escorregando pelo fio. Por certo foram eles mesmos que penduraram esses fios na vertical, junto aos postes, por onde subiam à rede elétrica, para "quentar" o sol, como dizem, nas manhãs de sol e depois descer. Ou seja, para vadiar e planejar o mal, como fazem nas esquinas. Lá no alto dos fios estão ao abrigo de ouvidos indiscretos e ninguém sabe o que planejam,

não se sabe dos planos deles. Matam, roubam, torturam, espancam, aleijam e estupram e ignora-se onde, quando e a quem vão atacar da próxima vez.

* *

- É só um pateta com um brinco na orelha.

- Como sabe que é pateta?

- Pelo brinco.

- Um indivíduo não tem por força que ser pateta só por ter um brinco na orelha.

- Não conheci um que não fosse.

- Esse não é.

- Todo indivíduo com um brinco na orelha é um pateta.

- Esse é exceção. Toda regra tem exceção.

- Essa, não. É a única que não tem. Ela é justamente a exceção da regra que diz que toda regra tem exceção. É uma regra sem

exceção. Todo indivíduo com um brinco na orelha é um pateta.

- Pois está enganado.

- Por que diz isso?

- Conheço ele.

- Conhece?

- Ele põe o brinco na orelha para disfarçar. Justamente para que todos pensem que é um pateta. E é melhor para poder enganar os inimigos.

- Ele tem inimigos?

- Todos temos.

- Quem são os inimigos dele?

- O conjunto da população.

- É. Pode ser.

- Sabe que todas as pessoas querem se matar umas às outras, se puderem estraçalham quem se puser na frente delas.

- Deve ser.

- Como os tigres estraçalham as zebras.

- Não gosto de ver.

- O quê?

- Como...?

- Não gosta de ver o quê?

- Entendi. Tigre estraçalhar zebra. Não gosto de ver. Fico imaginando um ser humano no lugar da zebra.

- Consegue imaginar o que é ser jogado às feras, como se fazia na Roma antiga?

- Ainda fazem isso.

- Você tem razão. Não mudou muito, de lá para cá.

- Não mudou nada.

* *

Em um pardieiro, na zona Oeste, em um corredor mal ventilado na sobreloja, se podia ler no vidro fosco, ondulado, de tonalidade parda ou amarela de uma porta:

Sealiah Bouchardon
Detetive particular

Entrando, se podia ver o detetive, um homem de seus cinquenta anos, alto, esguio,

fibroso, ele tinha músculos, de ombros um pouco curvados, nariz adunco, olhar atento e penetrante, como convém a um detetive.

Bouchardon tinha problemas com o computador. Os computadores sempre davam problemas, o dele acumulava problemas já há algum tempo, ele não mandava consertar, os problemas se agravaram, um belo dia quase não pôde ligar o computador, de tantos problemas que acumulou ao longo de vários meses. E se aborreceu.

Desistiu de ligar o computador, aquela manhã. E começou a pensar em comprar um computador novo, em vez de mandar consertar o velho. Quem sabe uma novidade, os computadores ficavam obsoletos da noite para o dia, havia no mercado computadores de última geração de 500 megahertz.

Lembrou-se. Há poucas semanas, uma jovem se mudou para a parte reformada do prédio – parecia um prédio novo, a parte reformada; a parte antiga, sem reforma, caía aos pedaços e os ocupantes das diversas salas, com medo de desabamento, foram aos poucos

se mudando para a parte nova ou outros edifícios. Sealiah foi ficando, por falta de dinheiro para pagar um aluguel novo, mais caro.

As vacas emagreciam a olhos vistos. “Que se faz, em caso de vacas magras?”, se perguntava Sealiah.

De um modo ou outro talvez desse para comprar um computador novo. Entre mudar de sala e comprar um computador novo preferia mudar de computador. Olhou as paredes rachadas e o teto com infiltração, um olhar preocupado, quase temeroso.

Com os olhos da imaginação, ele reviu Galienne Balladur, a jovem que se mudou recentemente para o prédio, alugou uma sala na parte nova. Ela vendia computadores. Ao chegar, percorreu todo o prédio, inclusive a parte condenada, onde havia poucos inquilinos, distribuindo seus cartões, Galienne Informática, Sealiah não estava e ela enfiou por baixo da porta.

Bouchardon tirou o cartão de uma gaveta, girando-o entre os dedos evocou Galienne,

esbelta, graciosa, de cabelos louros e olhos azuis, com pouco mais de vinte anos, muito bonita, o tipo de mulher atraente, aos olhos de Bouchardon.

Viu-a algumas vezes, na portaria. Ela sorriu e o cumprimentou.

- O senhor é o detetive, não é?

- Sou.

- Enfiei um cartão em baixo da sua porta.

- Eu vi. Obrigado. Como vão os negócios?

- Vão indo. Aparece, qualquer dia.

- Vou...

E, daí por diante, bom-dia e boa-tarde.

- Como vai?

- Mais ou menos. E você?

- Eu vou indo.

Podia ir, agora.

O cartão tinha um número de telefone e ele ligou.

Atendeu uma voz de homem. E Bouchardon pensou que ouviria a voz doce de Galienne.

Quase desligou.

- Quero falar com a Srta. Galienne, por favor.

- Não está. Quer deixar recado? É só com ela?

- A que horas ela chega?

- Ela está com problemas em casa. Acho que hoje ela não vem não.

- Problemas em casa...?

- O pai dela morreu.

- Sinto muito. Pensei em comprar um computador. Tenho uma sala na parte velha do prédio.

- Como se chama?

- Bouchardon.

- Por que não dá um pulo aqui? Vou lhe atender o melhor que possa.

- Acho que vou dar uma passada aí.

Na hora do almoço, Bouchardon fechou a agência e passou à parte nova. Subiu alguns andares. E esteve na sala onde Galienne vendia computadores – bem diferente da sua, nova, limpa, com porta de vidro transparente.

- Pensei em tratar diretamente com ela – disse, indeciso, olhando os periféricos em exposição numa vitrine.

- O senhor é quem sabe – disse o rapaz -. Posso lhe atender... – acrescentou, também hesitante, ante o interesse demonstrado por Bouchardon em ser atendido por Galienne.

- Amanhã ela vem?

- Não sei. O pai dela não teve morte natural, parece... Ela está com problemas.

- O que houve com o pai dela? Ele sofreu um acidente? – interessou-se Bouchardon.

- Estou ouvindo falar em homicídio, Sr. Bouchardon – informou o vendedor, com ar grave, fazendo suas as dores de Galienne -. É muito triste. Às vezes é difícil aguentar.

Foi como Bouchardon se inteirou dos acontecimentos.

- Uma tragédia. Houve uma desgraça – disse o funcionário.

- Ela tem telefone?

O rapaz deu o telefone da casa de Galienne.

- Obrigado. Eu volto outra hora.

- Não quer ver o computador?
- Outra hora. Obrigado pela sua atenção.
Bouchardon se retirou.

* *

Um guarda parou o carro de Bouchardon.
- É proibido avançar com o sinal fechado – avisou.

Bouchardon olhava para ele e fez um ar de quem tinha conhecimento da proibição e era desnecessário lembrar-lhe. Pôs o carro de novo em movimento.

A esquina com o sinal ficava poucos metros adiante. O sinal estava fechado. Bouchardon seguiu seu caminho e ultrapassou normalmente a esquina como se o sinal estivesse aberto.

Antes dele, milhares de carros passaram por aquele lugar. O guarda parou a todos e disse o mesmo a todos os motoristas.

- É proibido atravessar com o sinal fechado.

E nenhum dos carros deixou de ultrapassar a esquina por encontrar o sinal fechado e apesar da advertência do guarda.

Depois de Bouchardon, outro tanto de veículos transitou por aquele local. A rotina não mudou, o guarda parou todos os carros e avisou a cada um dos motoristas.

- É proibido ultrapassar com o sinal fechado.

E todos passaram pelo cruzamento com o sinal fechado. E ouviram o aviso do guarda.

A esquina distava poucos metros de onde se postava o guarda de trânsito e ele tinha óbvio conhecimento do que sucedia – a totalidade dos motoristas desrespeitava a proibição, bem sob suas vistas, apesar de todos os motoristas terem sido avisados momentos antes. E não tomou atitude alguma quanto a isto. Nunca tomou. Limitava-se a dar o aviso. Dava o aviso e se comportava como se todos lhe dessem ouvidos e respeitassem a

proibição, não se transgredia a lei de trânsito e muito menos de forma coletiva e sistemática.

Até que, a uma certa altura, um belo dia, lá pelas tantas, o guarda parou um determinado carro. Deu o aviso de praxe.

- É proibido passar com o sinal fechado.

E o motorista daquele carro tornou a pôr seu automóvel em movimento e parou alguns metros adiante, no sinal fechado.

O resultado foi um engarrafamento monstro na movimentada avenida. Ninguém soube o que fazer. O guarda, tampouco. O último que lhe ocorreria seria desdizer-se, recomendar ao motorista obediente às leis que transgredisse a lei e fizesse como os outros, avançasse mesmo com o sinal fechado. Como poderia dizer isto a ele se acabava de informar que era proibido atravessar com o sinal fechado? E foi o que aquele motorista fez, respeitou a lei e parou o carro diante do sinal fechado.

Não, não poderia. Não foi falar ao motorista e o problema não se resolveu. O sinal não abriu, não abria nunca, estava com

defeito. Os outros motoristas limitavam-se a buzinar, impacientes, saltavam de seus carros e davam voltas, andavam de um lado para outro sem se afastarem de seus automóveis, desesperavam-se com o engarrafamento monstro, mas como não ocorreu ao guarda também não passou pela cabeça de nenhum deles aconselhar o motorista cumpridor de seus deveres a desrespeitar a lei e avançar o sinal.

Em suma, não se soube o que fazer, ninguém soube. Este problema jamais se apresentou antes e não se dispunha de uma técnica ou conhecimento para lidar com ele.

Algumas pessoas tentaram improvisar, tentou-se falar ao motorista empacado diante do sinal fechado, mas não se sabia o que dizer a ele e todas as tentativas de diálogo fracassaram, foram inúteis.

O sinal não abriu. E o que se sabe é que o motorista intransigente foi retirado à força de seu automóvel, que logo foi rebocado, e internado em um hospício, ou não se resolveria o problema do engarramento

monstro ocasionado pela circunstância inusitada do respeito à lei. Ele foi internado em um hospício por não poder ser preso, já que não cometeu nenhum crime.

* *

E, finalmente, a mulher que ruge. Como convém a um animal selvagem, vivia na selva, apartada do ambiente da cidade, a grande cidade – vem daí a definição, selvagem, de selva.

A julgar pelas aparências, se chega com facilidade à conclusão de tratar-se com efeito de uma floresta, mas é ilusão. Havia de fato muitas árvores, uma quantidade bem substancial de árvores, árvores de grande altura e muito copadas, com o chão em baixo delas coberto de folhas mortas, onde não nascia mais mato rasteiro, por falta da luz do sol.

O bosque estendia-se por ampla extensão de terreno. Muros altos cercavam o lugar, isolavam o bosque do resto do mundo. Cultivavam-se as árvores há muitos e muitos anos e elas tomaram conta da propriedade, debruçavam-se por cima dos muros e rodeavam a casa por todos os lados.

Sim, havia uma casa, era a moradia de alguém. O terreno situava-se na periferia da cidade – e se desfaz a ilusão de tratar-se efetivamente da floresta, a mata. Uma casa grande, muito antiga, com uma ampla varanda em três de seus lados.

À noite, por trás dos muros altos e no meio das árvores, tinha-se a impressão de estar no meio da mata. Todas as luzes se apagavam na casa e só se via a luz das estrelas, da lua, quando havia luar e o luciluzir dos vagalumes. Ouviam-se grilos, corujas, um bacurau à noitinha, saracuras em um pântano próximo durante o dia, até um urutau, esse também à noite, com seu canto triste, os animais silvestres vinham se refugiar no bosque e no pântano, fugindo da predação dos

seres humanos. Ninguém caçava atrás desses muros. E não se derrubavam árvores. Durante o dia, vinham passarinhos, tiês, sanhaços, sabiás, tico-ticos, bem-te-vis, rolinhas, comiam mamão maduro nos mamoeiros e amora madura nas amoreiras, banana nas bananeiras.

A não ser pelas vozes dos animais, aves que piavam ou cantavam à noite e o cricri dos grilos, mais o farfalhar das folhas das árvores sob a ação do vento, reinava o silêncio. À noite silêncio e trevas. Parecia mesmo o meio do mato, o campo. Como convinha ao morador da casa, que não gostava muito do convívio com seus assim chamados semelhantes – ele achava que na realidade os outros não eram semelhantes dele, ele e os outros pertenciam a espécies diferentes.

- Eu não tenho semelhantes – ele disse, uma vez, em uma conferência.

Esta noite, tarde da noite, ele abriu a porta para alguém. Uma mulher. Ele não acendia luzes na casa, depois que se deitava em uma esteira no chão para dormir, de modo que as

trevas reinavam absolutas, de comum acordo com o silêncio, a não ser pelos sons já mencionados e a luz das estrelas e da lua, aquela noite em quarto crescente, o luar prateava as folhas dos coqueiros.

A mulher bateu na porta, ele foi atender, abriu a porta e ela entrou. Era a mulher que ruge, a mulher selvagem.

Ele era um eremita, um ermitão – também se diz anacoreta. A mulher selvagem era baixinha, atarracada, gordota, de cabelos claros foscos, olhos também claros mas tão sem brilho quanto os cabelos. Ambos, a mulher e o homem, deixaram para trás a meia-idade e batiam às portas da terceira, beiravam as raias da terceira-idade, no limiar da velhice.

O eremita de quem trata a narrrativa não saberia explicar os fatos. Ele abriu a porta para a mulher e ela entrou. Então, se ela entrou, como depois foi parar do lado de fora? Por certo saiu, mas ele não viu. E assim foi que, quando dos acontecimentos, eles se

encontravam na varanda, no exterior da casa, a mulher e o homem.

Teve lugar uma situação sinistra e ao mesmo tempo curiosa, intrigante, incomum, para dizer o mínimo. A varanda era muito larga e espaçosa, imersa em escuridão como toda a casa e a mata ao redor a não ser pelo luar e a luz das estrelas, como já se disse.

Que aconteceu?

A mulher era selvagem, sabe-se, era a mulher que ruge. Ela corria de um lado para outro, em toda a extensão de uma das varandas, indo de uma esquina à outra da casa, o que perfazia bem uns vinte metros. E o homem corria atrás dela.

Ao chegar à esquina, a mulher se agachava no chão, virava-se para trás e encarava o homem que vinha em sua perseguição. E era quando se via a razão de seu nome, a mulher que ruge – ou por outra, ouvia-se. Ela arreganhava os dentes e rugia como uma fera selvagem, como um leão, uma leoa, no caso.

O homem, em seu desconcerto, sem saber o que fazer, rugia, também, não fez por menos do que rugir, também, seguindo o critério de que em Roma se faz como os romanos.

E eles ficaram ali assim, a mulher e o homem, na varanda às escuras, quase tão larga quanto uma estrada, da largura de uma estradinha de terra, talvez até um pouco mais, era ampla mesmo. A mulher agachava-se numa esquina da varanda, torcia o pescoço para olhar para trás e fitar o homem e emitia seus rugidos, o homem rugia de volta para ela, sem se agachar como ela, apenas encurvando-se um pouco sobre ela. Ela emitia dois ou três rugidos, o homem respondia, a mulher se levantava e corria de volta para a outra esquina da varanda, meio encurvada, um pouco como os macacos. O homem corria atrás dela. E ali a cena se repetia. A mulher se agachava, virava-se para trás, arreganhava os dentes e rugia. O homem rugia de volta para ela, encurvado sobre ela. Daí a pouco ela se levantava, buscava de novo a esquina anterior da varanda, o homem corria atrás dela e a

mesma cena se repetia – a mulher se agachava, escancarava as fauces como um animal feroz e rugia, o homem rugia de volta para ela.

Parecia um ritual de luta entre dois animais selvagens – esses rituais, entre certos animais, visam a sobrevivência da espécie, pois eles não lutam de verdade, e resolvem o conflito sem ter que se engalfinhar. E a mulher e o homem na varanda não se atacavam de fato, não se agrediam e não se feriam um ao outro, só simulavam.

Tarde da noite eles foram dormir.

Ou melhor, as partes se separaram, a parte com o demônio no corpo foi vagar como uma alma penada pelo quintal, sob o arvoredo, olhando de forma estranha para a casa, enquanto a outra se recolheu, a parte sã, entrou na casa e foi dormir. De um modo ou outro a parte selvagem parecia ter se acalmado.

O eremita calculou que por isso não a viu sair – ela não entrou, realmente, a parte ruim, esteve todo o tempo do lado de fora e foi com

ela que ele lutou na varanda, ou simulou uma luta.

Quem assistisse à disputa na varanda talvez pensasse que a mulher e o homem eram loucos.

Talvez fossem loucos. Como podia se dar o caso de que padecessem do mal da selvageria, e eram incompreendidos.

* *

Capítulo 2

O telefonema.

- Alô.

- Galienne?

- Sou eu. Quem é?

- É o detetive, lá do prédio. Se lembra? Eu me chamo Sealiah Bouchardon.

- O que o senhor quer, Sr. Bouchardon?

- Lamento o ocorrido a seu pai, meus pêsames... meus sentimentos. Estive na sua loja, Galienne. E o rapaz me informou. Lamento.

- Obrigada. É só isso? – perguntou Galienne, com uma certa secura.

- Galienne... – disse Bouchardon.

- O que é?

- Eu não sou um agente funerário, não fico à espera de que as pessoas morram para ganhar dinheiro com o enterro delas.

- O que o senhor quer, Sr. Bouchardon? – insistiu Galienne, impaciente.

- As agências funerárias têm funcionários nos hospitais e apressam a morte dos pacientes, quando podem, ajudam a matar, para que possa haver mais um enterro e faturamento. Os agentes funerários são cúmplices em muitos homicídios.

- Eu não o entendo, Sr. Bouchardon. Vou desligar – disse a voz de Galienne, com desgosto.

- Espera. Por favor. Só um instante. Eu me interesso pela sorte das pessoas, sou um humanista. É isso o que eu quero dizer. Eu odeio assassinos, odeio eles. E é por isso que sou detetive particular.

- Não sei o que dizer – respondeu Galienne, desinteressada.

- O rapaz da loja me informou que seu pai teve morte suspeita.

- O que se segue?

- Não é sempre que a polícia investiga direito as ocorrências policiais. E há casos que

a melhor polícia do mundo não consegue esclarecer.

- Se o senhor diz – disse Galienne, apática.

Bouchardon, então, resolveu falar com mais franqueza.

- Quer que eu investigue a morte do seu pai, Galienne? Não faço isso por dinheiro. Faço por amor aos seres humanos e o ódio que eu tenho de assassinos. Infelizmente, preciso cobrar, porque é minha profissão. Mas não cobro de quem não pode pagar. O que diz?

E, pela primeira vez, obteve alguma reação por parte de Galienne.

De início, ao ter seu interesse despertado, Galienne manifestou-o por meio do silêncio, seguiu-se à indagação do detetive uma pausa de hesitação.

- Galienne...?

- O senhor sempre me pareceu um homem bom – disse ela, humanizando-se, com uma mistura de desilusão e ao mesmo

tempo uma vaga esperança em seu tom de voz.

- Se puder pagar, me paga. Caso contrário, não tem problema – disse o detetive.

- Não quer vir a minha casa para conversarmos, Sr. Bouchardon? – convidou Galienne -. Eu não sei o que aconteceu.

- Vou aí. Me dá o endereço, por favor.

Galienne deu seu endereço. E o detetive combinou com ela um encontro.

- Vou aí.

* *

O primeiro sinal de alarme veio de um surfista, entre altas ondas – ondas gigantescas, com quase trinta pés de altura, ele se viu no meio de duas delas, uma adiante e outra vinha crescendo pelas costas dele, as ondas enormes erguiam-se a prumo, como edifícios, atrás e na frente.

Ele se assustou com a quantidade de água, o tamanho das ondas. E houve um momento em que exclamou, de si para consigo, “Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui?”.

E ele foi acometido de um princípio de pânico.

Rudnick Jodelle tinha vinte anos e acabava de realizar o sonho de todo competidor ao sagrar-se campeão do mundo. Deu uma entrevista a uma revista especializada, contando sua experiência, quando era mais jovem.

A entrevista era mais longa.

- Não aconteceu nada – declarou Rudnick.

- Pegou a onda que vinha atrás?

- Peguei. Mas fiquei com aquilo na ideia. Eu disse a mim mesmo que ia analisar melhor minha postura. Alguns esportes são um pouco arriscados. Corre-se algum risco, sempre se corre. E eu me perguntei se não seria mais sensato trabalhar num escritório de uma grande empresa, por exemplo. Para que essa

loucura de ir cada vez mais longe, querendo se superar, sempre, competimos com os outros e com nós mesmos?

- E o que decidiu? – perguntou a repórter.

- Não decidi nada – respondeu Rudnick.

- Você continuou a pegar onda.

- Pois é, continuei. Cheguei à conclusão de que não somos senhores dos nossos atos, do nosso destino. Uma vez naquele meio, todos aqueles caras pegando onda, e agora as garotas, também, e todos acham que é o máximo, é a finalidade da vida, pegar onda, não há mais o que fazer a não ser pegar onda. São as pessoas mais sensacionais que existem, as mais admiradas. Surfista.

- Ninguém vai pensar em trabalhar num escritório de uma grande empresa.

- Não – respondeu, ou confirmou, Rudnick.

- Afinal o céu é azul – disse a repórter -. É a cor mais bonita. Esse pessoal dos escritórios não sabe mais qual é a cor do céu, eu acho. Que já deixou de ser azul há bastante tempo nas grandes cidades. E eles não sabem, não

sabem que o céu mudou de cor, agora é cinzento.

- O mar também é azul – disse Rudnick -. O mar tem um azul esverdeado.

- Os astronautas dizem que a Terra é azul.

- E Alain Delon que o sol é vermelho.

* *

"O que ele quis dizer com isso?", se perguntava Bouchardon, leu a reportagem, numa revista. "Lembra a estória do sinal fechado, e o guarda da esquina."

O apartamento onde vivia Galienne lembrou ao detetive a loja de equipamentos de informática – "Todas as lojas que vendem equipamentos de informática", disse de si consigo.

Estas lojas eram luxuosas, bonitas, tinham ar condicionado e se barrava na porta de entrada sempre fechada a menor partícula de poeira. E, eternamente a enfeitar as tais lojas,

além dos periféricos e embalagens vistosas, mulheres bonitas, garotas atraentes, elas próprias bonitas e luxuosas, impecáveis, em embalagens lindas, os vestidos elegantes e em certos casos até mesmo salto alto.

Bouchardon se sentiu numa loja de equipamentos de informática. Conversava com uma vendedora da loja.

Na realidade, Galienne era proprietária de uma loja de informática, junto com uma sócia. E se encontravam no apartamento dela e não na loja.

- Quer um café?

- Acho que quero. Obrigado.

Bouchardon, sentado em uma poltrona, na sala, ficou olhando em volta. Os periféricos. As embalagens mirabolantes, com todas as cores, de material brilhante. Tapetes, cortinas, móveis novos e caros, enfeites, quadros nas paredes, lustre, pintura tão homogênea quanto leite pasteurizado nas paredes e no teto. Nada de poeira, cisco ou qualquer sujeira, do tapete no chão ao teto com cornijas.

Tomando cafezinho.

- Me conta o que aconteceu. Por favor – pediu Bouchardon. E acrescentou: - Lamento lembrar.

- Eu não me dava muito bem com meu pai – confessou Galienne -. Não sei se estou tão sentida com a morte dele quanto devia.

- Não gostava dele? Ele não era um bom pai? – perguntou Bouchardon.

- Eu quase não via ele. Nós nos víamos muito raramente, e mal conversávamos um com o outro, trocávamos poucas palavras, em raras ocasiões – acrescentou Galienne.

- Compreendo. Assunto de família – disse Bouchardon -. Você tinha mágoa dele, ele não soube criar você direito, ele por sua vez achava que você não era uma boa filha, uma filha ingrata. Em geral as coisas são assim.

- Mais ou menos isso – admitiu Galienne.

- E não se davam.

- Não muito. Não muito bem.

- E você acha que não lamenta tanto a morte dele quanto deveria, afinal era seu pai.

- Deve ser isso.

- Como ele morreu?

- Minha mãe estava com ele.

- Eles não estavam separados? – perguntou Bouchardon, ciente de que a maior parte dos casais se separavam.

- Estavam. Mas viviam na mesma casa. Compraram a casa em sociedade, já estavam separados, e por isso viviam sob o mesmo teto. Porque a casa era dos dois.

Bouchardon conheceu a mãe de Galienne. Viu-a, ao chegar, Galienne se despedia de uma mulher baixinha, um pouco gorda, ou bem gorda, de olhos claros embaçados, cabelos louros sem brilho, que já iam ficando grisalhos.

Mãe e filha beijaram-se e abraçaram-se, na porta.

- Procura se cuidar, mãe. E não se deixa abater.

A mulher baixotinha passou por Bouchardon e se retirou.

- É minha mãe – disse Galienne.

- Ouvi você chamar ela de mãe – disse Bouchardon.

Parecia mais sofrida do que Galienne. Talvez lamentasse mais a morte do ex-marido do que Galienne sentia a morte do pai.

- Olha que coisa estranha – disse Galienne.

- O quê?

- Meu pai disse a minha mãe. “Sai que eu vou dar um tiro na ideia”.

- Ele disse isso a ela?

- Disse.

- Ele tinha um revólver?

- Tinha.

- E ela, sua mãe? Qual foi a reação dela?

- Minha mãe também não se dava muito bem com meu pai, não. Eles viviam discutindo. Mas precisavam se suportar um ao outro, pois não tinham mais onde morar.

- Entendo.

- Ela não acreditou muito que ele fosse se matar. Meu pai era um pouco... Ele dizia essas coisas loucas, assim, quando cismava.

- Continua.

- Ela saiu. Não dormiu em casa, aquela noite.

- Seu pai foi morto essa noite?

- No dia seguinte.

- O que a polícia diz?

- Meu pai morreu com um tiro na cabeça. A conclusão da perícia é que a posição dele, do revólver, pólvora na mão... aquelas coisas deles. Que tudo faz crer em suicídio.

- Você disse que o revólver era dele. O tiro que matou seu pai foi disparado pelo revólver dele?

- Foi.

- O tiro que matou seu pai saiu do revólver dele.

- Saiu.

- Por que a polícia acha que não foi suicídio?

- A polícia acha que pode não ter sido suicídio.

- E você? Acha o quê?

- Eu fico na dúvida. Acho que meu pai não era bem de se suicidar, não. Não era o tipo de homem que se suicida.

- Como ele era?

- Não gostava muito da vida mas...

- Mas o quê?

- Meu pai era um lutador. Ele era um bravo, um soldado na guerra. Pena que a morte levou ele. Meu pai teimava com a vida. Brigava com ela. Não sei se seria capaz de se suicidar, não.

- Sua mãe não acreditou que ele fosse se matar. Depois de ouvir o que ele disse.

- Ela não acreditou.

- E saiu de casa como se ele tivesse dito mais uma das coisas estranhas e inconsequentes que tinha o costume de dizer.

- Foi o que aconteceu.

- E agora? Ela acha o quê? Que ele se matou?

- Minha mãe não sabe o que pensar.

- Você também não sabe mas parece duvidar um pouco da hipótese de suicídio.

- Eu duvido sim. Duvido. Um pouco – confirmou Galienne.

- E a polícia? Por que a polícia acha que pode não ter sido suicídio?

- Porque há um suspeito.

- Um suspeito?

- Ele pode ter assassinado meu pai. E armou a cena para parecer suicídio. Isso é comum, eu sei, ouço falar, muita gente faz isso. Obrigou meu pai a segurar o revólver e forçou ele a puxar o gatilho. Como que obrigou meu pai a se suicidar. Um suicídio à força. Obrigaram meu pai a se matar. Agora eu estou pesarosa. Estou triste.

- Isto não é suicídio. É assassinato.

- Se for verdade.

- A polícia diz isso?

- O quê?

- Que o suspeito obrigou seu pai a atirar em si mesmo?

- Diz. Mais ou menos.

- O suspeito deve ser um cara forte.

- Por certo.

- Quantos anos seu pai tinha?

- Quase sessenta.

- Ele era um homem forte?

- Era magro. Não. Não era um homem forte, fisicamente. De mente, acho que era. Era sim. E por isso não acho provável que meu pai tenha se suicidado.